



Neste verão

não se esqueça do seu museu!

Horário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Período de verão
1 de abril até 30 de setembro

Terça-feira a domingo e feriados
10h00 às 17h30

Encerramento às segundas-feiras

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Terça, quarta e quinta-feira
09h30-12h00 / 13h30-16h00

Sexta-feira e sábado
17h00-20h00

Encerramento aos domingos
e segundas-feiras

Preçário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Ingresso individual **2.00€**

Jovens entre os 15 e 25 anos
Reformados
Idade igual ou superior aos 65 anos
Docentes
Cartão Jovem Municipal
Grupos de 10 ou mais pessoas **1.00€**

Crianças até 14 anos
Visitas de estudo
Domingos **Entrada Grátis**

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Entrada Grátis

Moradas e Contactos

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)

Ladeira de São Francisco,
9700-181 Angra do Heroísmo
+351 295 240 800

Latitude 38.6569297
Longitude -27.2167038

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Rua da Boa Nova,
9700-031 Angra do Heroísmo
+351 295 218 383

Latitude 38.653773
Longitude -27.223600

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Outeiro do Galhardo, 13A, Ladeira Grande
9700-353 Angra do Heroísmo
+351 295 248 968

Latitude 38.6575237
Longitude -27.1605434

Siga-nos
nas nossas
redes sociais



@MuseuDeAngraDoHeroismo



@museu.angra



museu-angra.azores.gov.pt

English Version



Domingos com Música

3, 17 e 31 de julho, 11h00 Igreja de Nossa Senhora da Guia

Concertos no órgão histórico construído por **António Xavier Machado e Cerveira** em 1788

Organista **Gustaaf van Manen**

Entrada livre



03

S.O.S. Murais

5 de julho, 14h00 às 17h00 Serviço Educativo do MAH

Oficina de Pintura Mural

Público-alvo **12 crianças a partir dos 5 anos**

Participação gratuita mediante inscrição prévia através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou do telefone 295 240 800



05

Horta Doméstica Sustentável & Jardim Polinizador

16 de julho, 14h00 Serviço Educativo do MAH

Catarina Meneses, monitora

Público alvo **10 adultos**

Conteúdos a abordar:

Definição de horta doméstica;

Vantagens de ter uma horta doméstica;

Fatores que influenciam a horta;

As plantas da horta;

Resíduos orgânicos: compostagem vs vermicompostagem;

A horta: planejar, fazer, cuidar e colher;

Prática: canteiro com plantas aromáticas e construção de abrigo para insetos

Participação gratuita mediante inscrição prévia através do e-mail

museu.angra.agenda@azores.gov.pt

ou do telefone 295 240 800



Colaboração:



16

Jogos para Degustar

19 de julho, 14h00 às 17h00 Serviço Educativo do MAH

Público alvo **16 crianças**
dos 5 aos 15 anos

Participação gratuita mediante inscrição

prévia através do e-mail

museu.angra.agenda@azores.gov.pt

ou do telefone 295 240 800

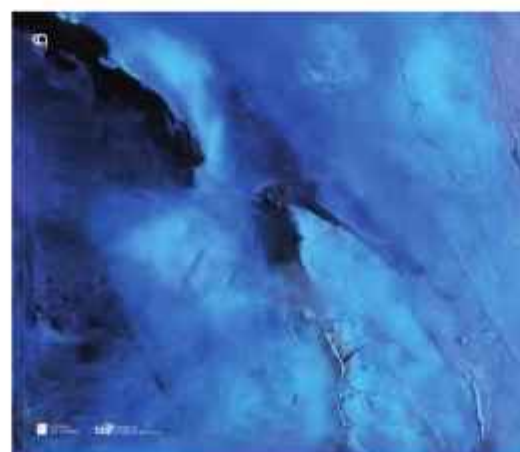


19

Azuis da Atlântida

23 de julho, 15h00 Sala do Capítulo

Inauguração de exposição de pintura de
Carlota Monjardino



23



À Noite nas Cruzinhas

23 de julho, 18h00 Reserva Florestal de Recreio do Monte Brasil



VISITAS ORIENTADAS

Fortaleza de São João Baptista | 18h00

Concentração junto à Porta de Armas
João Lemos, técnico superior do MAH

Padrão comemorativo do V Centenário dos Descobrimentos | 20h30

Concentração no Pico das Cruzinhas
Carlos Enes, historiador

Baterias antiaéreas, que integraram o complexo defensivo da baía e cidade de Angra do Heroísmo, na II Guerra Mundial | 21h00

Concentração no Pico das Cruzinhas
Jaime Regalado, técnico superior do MAH

CONCERTO | 22h00

RITOURNELLE

Espetáculo de música e movimento da FLUTUA - Orquestra de Flautas da Universidade de Aveiro (projeto de criação apoiado pela DGARTES)

Atividade realizada no âmbito do Programa de Musealização e Conservação das Peças de Artilharia pertencentes à Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo expostas na Reserva Florestal de Recreio do Monte Brasil.

Organização

Museu de Angra do Heroísmo e Direção Regional dos Recursos Florestais.

Colaboração





Azuis da Atlântida

23 de julho a 16 de outubro, Sala do Capitulo

Exposição de pintura de **Carlota Monjardino**

«[...] havia uma ilha diante da passagem a que vós chamais os Pilares de Hércules, que era maior do que a Líbia e a Ásia juntas, [...] e a própria ilha de Atlântida se afundou no mar e desapareceu.»

Platão, *Timeu*, 24e/25d

(trad. M. J. Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. pp. 61-62)



Atlântida desapareceu no mar, mas emerge nestas obras que refletem essas ondas e profundezas de outros tempos:

As telas de Carlota Monjardino mergulham nesta Atlântida perdida e trazem ao nosso olhar os estados do Mar – deste mar que nos rodeia, o oceano Atlântico –, os seus místicos, brumosos e tempestuosos céus, que nos atingem a cada momento e nos obrigam a estar em constante atenção, como se cada um de nós fosse uma navegação em mar alto, sujeito ao baile das ondas...

A espaço, somos confrontados com a terra destas ilhas: uma lagoa misteriosa e lendária, uma encosta incerta, indefinida e nublada, hortênsias que pontuam a paisagem, rochas que suportam a força das ondas e a branca da espuma... Todos existem numa complexa harmonia natural, não mais simples quando na tela, onde as variedades de texturas evidenciam a constante tensão entre elementos.

De uma relação conflituosa entre terra e água, nasce esta exposição que procura os vários tons de azul de um mundo arquipelágico, que vive também dos verdes... Não há como não reconhecer uma persistente busca pelo Sublime nestas brumas e neste infinito.

O nosso olhar é cativado pela incerteza e indefinição, mais cativadoras do que o figurativo: há na adivinhação um fascínio, que é simplesmente superior e belo.

Carlos Mesquita Severino
CEC-FLUL





O que faz falta... É malhar na malta

Pintura de Luís Herberto

Até 10 de setembro, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes



o que faz falta... É MALHAR NA MALTA

Regime de livre acesso

Luís Herberto, pintor nascido na Ilha Terceira, em Angra do Heroísmo, em 1966, explora na sua obra questões de género, sexualidade, provocação e arte.

Nesta sequência de pinturas de grande formato, cujo título evoca a célebre canção de intervenção de Zeca Afonso *O que faz falta!*, apresenta, numa linguagem declaradamente gráfica, muito próxima da dos murais, imagens da atuação de forças policiais e paramilitares, em manifestações várias, sobretudo quando estão em causa atropelos claros à dignidade social e aos mais elementares direitos da nossa existência social e democrática.





Prazer do Espírito e do Olhar

Paisagem e Viagem em Arte Portuguesa da Coleção Arquipélago

Até 11 de setembro, Edifício de São Francisco Sala Dacosta



Esta exposição itinerante, produzida pelo Arquipélago | Centro de Arte Contemporânea, explora afinidades que relacionam distintos objetos de Arte Contemporânea, procurando um sentido bem circunscrito, que identifica e dá coerência à própria coleção, e, ao mesmo tempo se associa à identidade do Arquipélago açoriano. Deste modo, a seleção de obras apresenta o trabalho de vários artistas nacionais, tendo como fio condutor do discurso expositivo os temas da Paisagem e da Viagem.

Pensando nas diferenças de escala e particularidades Identitárias de cada Ilha, foram seleccionadas exatamente nove obras, com diferentes escalas e singularidades, que ainda que representem a arte portuguesa contemporânea, têm pronúncias distintas, resultantes de diferentes formas de estar e de pensar a Arte, mesmo que próximas e unidas sob um conjunto de pontos de contacto a partir dos quais se constrói a narrativa expositiva.

Comunicações na Ilha Terceira

O Radioamadorismo e a Guerra Fria

Até 3 de julho Edifício de São Francisco Sala do Capitulo



A riqueza e diversidade do acervo do MAH no domínio das radiocomunicações, resultante em parte de duas importantes doações efetuadas nos últimos anos, uma por Victor Jorge Pamplona Ramos (1937) e outra pelos herdeiros de João Fernando Goulart Bettencourt Pereira Porto (1928-2012), tornou possível efetuar a presente abordagem expositiva em que se apresenta uma seleção representativa da evolução das comunicações via rádio, com destaque para o radioamadorismo e para um determinado aspeto das comunicações ocorridas na Ilha Terceira, no contexto da Guerra Fria.

Esta exposição representa, assim, uma homenagem a todos os profissionais e amadores que se dedicam às comunicações rádio, com especial referência a Victor Ramos e João Porto, pelo profissionalismo e dedicação com que exerceram, ao longo da sua vida, tal atividade.





Vitrine de Curiosidades

Jean-Jacques Rousseau

Edifício de São Francisco | Memórias

7 de junho a 3 de julho

Jean-Jacques Rousseau, nascido em Genebra, na Suíça, em 1712, foi o criador da teoria do "bom selvagem", segundo a qual o homem era naturalmente bom e como tal seriam as instituições a cercar a sua autonomia e a corrompê-lo. Devido à sua rejeição da maldade como uma parte inerente da humanidade e consequente culpabilização da sociedade corruptora, os seus textos influenciaram revolucionários como Marx e Lenin, sendo ainda hoje uma das figuras da cultura francesa mais conhecida e mais influente, num mundo ameaçado por guerras, pandemias e alterações climáticas. Jules-Robert Auguste, escultor e pintor nascido (1789) e falecido (1850) em Paris, representou-o em bronze, nesta obra notável pertencente à Unidade de Gestão de Belas-Artes do Museu de Angra do Heroísmo.



Polvorinho Persa

Edifício de São Francisco | Memórias

4 de julho até 1 de agosto

Polvorinhos como este, elaborados com a pele dos genitais de camelo ou em couro de camelo moldado com essa forma, são característicos da Pérsia, nomeadamente de regiões que correspondem ao atual Irão, tendo esta tipologia com forma fálica surgido nos meados do século XVIII (século XII da era da Egira), entre as tribos da Pérsia oriental, estendendo-se o seu uso até ao início do século XX.

O material utilizado, por não produzir faíscas, revelava-se seguro ao fim a que se destina: o transporte de pólvora para o carregamento das armas. Por outro lado, sendo a guerra e a caça atividades estritamente masculinas, a sua forma manifesta aspetos da cultura tribal, dominante nesta região a partir do século XVIII, na qual o camelo e o simbolismo fálico associado à virilidade assumiam uma posição dominante em termos de léxico simbólico.

Este exemplar do século XIX, pertencente à Unidade de Gestão de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, além de assumir a característica forma fálica, está, como habitualmente, decorado na sua superfície com gravações, neste caso motivos geométricos e figuras antropomórficas. Num ponto intermédio, uma pequena protuberância suporta uma argola de suspensão em ferro, de decoração simples por perfuração, que permitia suspender o polvorinho, no cinto ou no pulso, através de uma correia em couro.





As Moedas Bíblicas e do Próximo Oriente

A doação da coleção do professor Luís Filipe Thomaz | 3.ª Parte

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico, 20 de maio a 25 de setembro



Depois de Nove séculos de amoeção portuguesa, a que se seguiu Numária da China e das suas dependências culturais, é apresentada uma mostra subordinada ao tema *Moedas Bíblicas e do Próximo Oriente*. A mesma compreende moedas cunhadas pelos vários poderes que sucessivamente dominaram a Palestina, a começar no Império Persa, moedas dos reinos helenísticos dos Lágidas e dos Selêucidas e moedas cunhadas localmente pelas dinastias judaicas dos Hasmoneus (140-37 A. C.) e dos Herodianos que, sob protetorado romano, reinaram de 47 A. C. até à morte de Herodes Agripa II no ano 100 da nossa era. Integram o mesmo núcleo cunhagens feitas em nome dos imperadores romanos pelos Procuradores da Judeia, com Pôncio Pilatos, Pôncio Festo, etc., e por diversas municipalidades da zona. De destacar, as cunhagens judaicas, ostensivamente antirromanas, feitas durante as revoltas de 66-70 (que conduziria à ocupação de Jerusalém e à destruição do Templo) e de 132-135 (revolta de Bar Kokhba). Um outro núcleo é constituído por cunhagens dos imperadores bizantinos, da divisão do Império Romano em dois, à morte de Teodósio em 395 e à queda de Constantinopla em poder dos turcos em 1453. Há ainda a considerar um terceiro, constituído por numismas do reino arménio da Cilícia (1198-1375) e um quarto por cunhagens do reino etíope de Axum (c. 270-631) — o único território africano a dispor de moeda própria antes dos portugueses começarem, na época da Restauração, a cunhar moedas para Angola. Completam a mostra uma série de cunhagens muçulmanas da Idade Média, copiadas de numismas bizantinos, e a sua contrapartida cristã: moedas da Península Ibérica, da Sicília, da Península Balcânica e até do grão-ducado de Moscovo, inspiradas em modelos muçulmanos. Estes curiosos tipos híbridos ilustram o que poderia ser o *leitmotif* da coleção: “a moeda através das culturas, a História através das moedas”.





A Aviação e a Batalha do Atlântico Uma Perspetiva à Escala

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico
Até setembro de 2022

José Pedro Pires é um jovem enfermeiro tercelrense que desenvolveu uma forte paixão pelo aeromodelismo e pela investigação histórica que lhe está associada. Nos últimos anos, montou largas dezenas de modelos de aviões, com grande rigor e impressionante detalhe, em colaboração com a prestigiada revista britânica *Airfix Model World*, líder do sector. Recentemente, decidiu doar alguns modelos ao MAH, tendo selecionado para mostra precisamente o *Short Sunderland MK.III*, modelo de uma aeronave britânica, que se distinguiu na II Guerra Mundial, no combate à ameaça dos submarinos alemães.



Artes de Guerra

Mostra de um Frasco de Pólvora Fina

Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima
Até setembro de 2022



As barricas de madeira, embora tivessem sido usadas, até aos meados do século XIX, para guardar a pólvora de artilharia, geralmente de granulagem mais grossa, apresentavam vários problemas. A madeira era porosa e facilmente absorvia humidade, sobretudo quando transportada a bordo, degradando a pólvora. Este problema era particularmente notório no caso da pólvora fina, usada nos óvulos das bocas de fogo, que era inflamada pelo artilheiro e produzia a inflamação da pólvora dentro dos canos dos canhões. Na Carreira das Índias, uma das soluções para guardar esta pólvora fina, da qual dependia a boa ignição das bocas de fogo, era o uso de frascos de cerâmica, de pequenas dimensões, mais eficazes do que as pequenas barris em madeira.

Eram reforçados com guarnições e tampas de ferro e suspensos por um gancho, de modo a que não rolassem com o balanço do navio nem pousassem em zonas molhadas, podendo ainda receber revestimentos em sisal ou couro entrançado para não entrechocarem entre si. Este exemplar, em cerâmica grossa, feldspática, próxima do grés, cozida em alto-fogo (+1200°C), pela sua forma de ombro pronunciado e fundo côncavo é identificável com a produção chinesa da província de Guangdong. Está guarnecido com as estruturas de reforço, tampa e gancho de suspensão em ferro, com decorações simples em latão, características da região de Kerala, no Sul da Costa do Malabar, na Índia. Estes frascos de pólvora têm sido encontrados, muitas vezes já sem os reforços de ferro, em despojos de alguns naufrágios reconhecidamente da Carreira das Índias, sendo o seu uso datável entre os séculos XVI e XVIII.



Bolsa de Prata Vitoriana

Direção Regional dos Assuntos Culturais
/ Palacete Silveira Paulo
Até 15 de agosto de 2022

As bolsas de prata, como esta pertencente à Unidade de Gestão de Têxteis do Museu de Angra do Heroísmo, usadas no tempo da Rainha Vitória, combinam a utilidade com a beleza e fazem parte de um grupo relacionado com joalharia funcional. Geralmente eram penduradas no cós das saias, através de um gancho colocado na alça, libertando as mãos. Podiam conter algo tão simples como chaves, dinheiro, cosméticos, tesouras, utensílios de escrita, perfumes, cartas, etc. As primeiras malas de prata foram fabricadas por ourives no primeiro quartel do século XIX e eram totalmente feitas à mão. Só mais tarde, em 1908, foi patenteada uma máquina de tecer malha metálica, tornando este objeto mais acessível.



Madame du Barry

Aerogare Civil das Lajes
Até setembro de 2022

Nascida como Marie-Jeanne Bécu (1743-1793), tornou-se Condessa du Barry (ou Bary) por casamento e foi uma das amantes oficiais do Rei Luís XV de França. Filha ilegítima de uma costureira e de pai desconhecido, os seus estudos foram custeados por Monsieur Billiard-Dumonceaux, amante da mãe. Mulher de grande beleza, inteligente e requintada, acabou por se tornar uma cortesã de luxo sob a alçada do conde Jean Baptiste du Barry, estabelecendo, assim, contactos com a aristocracia. Depois da morte da Madame de Pompadour, a favorita de Luís XV, o duque de Richelieu apresentou-a ao rei e, de forma a viabilizar a sua condição de concubina real, o seu amante, Jean Baptiste du

Barry, conseguiu-lhe um título nobiliário, casando-a com o Conde Guillaume du Barry, seu irmão. Manteve o seu poder até à morte de Luís XV, sendo depois afastada da corte e enviada para um convento, do qual se evadiu, voltando à vida cortesã. Acusada de traição durante o Grande Terror, foi aprisionada pelas tropas revolucionárias e morreu decapitada, em 1793. A sua figura inspirou vários artistas, nomeadamente Augustin Pajou (1730-1809), escultor neoclássico francês, autor deste busto em bronze pertencente à Unidade de Gestão de Belas-Artes do Museu de Angra do Heroísmo, que o notabilizou como um exímio retratista da figura feminina. Ainda hoje é possível admirar bustos de Madame du Barry da sua autoria em alguns dos mais importantes museus do mundo.



Exposições Itinerantes

Breviário Açoriano

Pintura de Dimas Simas Lopes

9 de julho a 25 de setembro de 2022,

Casa Manuel de Arriaga



Breviário Açoriano

Exposição de Pintura
Dimas Simas Lopes

09 de julho a 25 de setembro
Casa Manuel de Arriaga



Retratos de Meros

Ilustração Científica por João Pedro Barreiros

1 de julho a 30 de setembro de 2022

Museu das Flores



Retratos de Meros

Ilustração científica por
João Pedro Barreiros

As mulheres da terra

Fotografia de Rui Caria

Junho a julho de 2022, Museu de Santa Maria



As mulheres da terra

Rui Caria

O Voo do Açor

Até 31 de julho de 2022

Aerogare Civil das Lajes



O Voo do Açor

Aerogare Civil
das Lajes
12 de junho
a julho de 2022



Museu de
Angra do Heroísmo

Agenda
julho 2022

Enigmas



Visita interativa para famílias em que através de jogos de descobertas se dão a conhecer ó peças do MAH. Participação gratuita mediante solicitação do desdobrável de apoio na recepção do Museu de Angra do Heroísmo.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária

Pintar para Fazer Ver



Nesta visita orientada à exposição *O que faz falta... É Malhar na Malta*, contextualizam-se as cenas representadas, referindo os traços estilísticos e intenção interventiva do artista.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.

O Voo da Jangada



Nesta visita à exposição *Prazer do Espírito e do Olhar | Paisagem e Viagem em Arte Portuguesa da Coleção Arquipélago*, embarcamos na jangada azul de Pedro Valdez Cardoso, em busca do Cupido que Luísa Jacinto fez desaparecer, numa viagem que, pista à pista, nos faz percorrer a diferentes obras potentes na Sala Dacosta.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.

Jogos para Degustar



Animados, enérgicos e desafiantes, estes jogos de inspiração tradicional, promovidos pelo Serviço Educativo do MAH contam o surpreendente percurso de alguns alimentos e bebidas que deram a volta ao mundo e que são resultado de uma curiosa e insuspeita miscigenação cultural.

Público: adaptável em função da faixa etária.

Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>. Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt.



Visitas Guiadas à Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil

Terça a domingo

10H00 - 12H00 e 14H30 - 16H30

Ingresso no valor de 5€ inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Frequência limitada a 20 pessoas por grupo

Agendamento através do telefone **295 218 383** ou do e-mail **museu.angra.info@azores.gov.pt**

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.



Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.



1º Momento



2º Momento



3º Momento



4º Momento



Edifício de São Francisco Memórias



Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia



O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

Portugal, os Açores e a Grande Guerra



Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e filmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

Igreja de Nossa Senhora da Guia



A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mor; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Reserva de Espécies em Pedra: As Pedras dos Homens



A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas Ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

Reserva de Transportes dos séculos XVIII, XIX e XX



No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências, bem como um exemplar de Ford T o primeiro carro a ser produzido em série, revolucionando a indústria automóvel.

E o Aço Mudou o Mundo: Uma Bateria Schneider-Canet nos Açores

A bateria de 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanhar a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2.ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.





O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representados os três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono Manuel Coelho Baptista de Lima e a história do próprio edifício. Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento. O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



Da Flecha ao Drone

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tomando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.



Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a génese da ação pública regional nesta área.



O Hospital Real da Boa Nova

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes. Tendo a sua raiz primeira no hospital de companhia trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova. Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da Fenix Angrense e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.





A Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes funciona, desde 9 de outubro de 2020, como um núcleo do Museu de Angra do Heroísmo, na sequência da sua doação à Região Autónoma das Açores pelo seu fundador, cujo nome ostenta, conceituado artista plástico na área da pintura e da escultura. Fundada em 17 de julho de 2004, a Carmina Galeria foi durante oito anos um polo difusor da Arte Contemporânea na ilha Terceira, assumindo-se como um laboratório de artes e um espaço aglutinador de diferentes expressões culturais, pretendendo-se que continue a afirmar-se como um centro de referência para a divulgação, reflexão e fruição ao nível das diferentes áreas artísticas.

